

vendo elle mesmo em hum tão perfeito retiro; em huma tão grande obscuridade?

Era necessario, que esta sua vida occulta precedesse á sua vida publica: o Salvador poem tres annos nesta, e trinta naquella: e como se a obscuridade da Officina de hum Carpinteiro não fosse ainda hum retiro affaz perfeito, retira-se por quarenta dias ao deserto, antes de se manifestar ao Publico.

Ah! Deos meu, que pouco seguimos nós esta maxima! Quantos se mettem nas funçoens Apostolicas, sem terem tomado estas precauçoens! Esperaõ fazer-se interiores, fazendo ver aos outros a necessidade de o ser; começaõ a derramar os seus sentidos nos objectos exteriores, com o pretexto de Charidade, e de zelo: e com effeito nada desprezaõ mais que o interior, e não conhecem que aquella viveza, que tem, aquelle fervor, que sentem, e a que chamaõ zelo, não he mais que huma agitação do orgulho, e do amor proprio, que lisongeaõ, e agitaõ diferentes objectos.

Hum homem interior he propriamente o verdadeiro Adorador, que adora a Deos em espirito, e em verdade. Que virtude póde ter huma alma, que não vive esta vida interior? He bem para temer, que seja semelhante áquella arvore, que o Senhor amaldiçoou, por não ter mais que folhas. Muitos tem o entendimento Christaõ, e o coração carnal, e mundano.

Hum coração patente a todos os objectos exteriores, huma alma em huma continua dissipação ás cousas exteriores, occupada continuamente com mil cuidados superfluos, pensamentos inuteis, está muito em estado de ouvir a voz daquelle, que só falla ao coração no Retiro? A Graça significada naquelle grão mysterioso, que cahin-

ão no caminho não toma raizes, produzirá muitos fructos, perseverará muito tempo em huma alma pouco recolhida?

O inimigo da Salvação nunca dorme. Os seus ataques são violentos. Huma alma, que poem toda a sua força em algumas praticas exteriores de devoção, está muito fraca, e debilitada; huma Praça cercada, cuja força só consiste em algumas exterioridades, não se defende, nem resiste muito tempo.

Donde procede, que haja tão pouca piedade sólida, havendo tantos, que fazem profissão de virtude? Qual he a razão porque com tantos exercicios santos de Religião, com hum tão frequente uso dos Sacramentos, com huma multidão de bons desejos, se fazem tão poucos verdadeiros espirituaes, tão poucos, que tenham entrada na Oraçãõ, e que gostem as doçuras ineffaveis da paz interior, agitados sempre com mil paixoens, sempre sujeitos aos mesmos defeitos, sempre mais peizados, e mais tibios? Tudo isto não vem mais, que da negligencia em guardar o seu coração, e conservar-se em recolhimento.

Huma vida tumultuosa agrada ao que não he interior; porém não se sente, nem se considera, que esse tumulto, essa dissipação exterior expõem a alma a mil perigos, e lhe rouba a vista de mil faltas. Meu Deus, quantas palavras inconsideradas! Quantos movimentos do proprio genio, e das paixoens! Que motivos pouco puros! Quantas acçoens puramente naturaes! Huma alma porém, que vive huma vida interior, prevê, reprime, e evita tudo isto.

Que significação aquellas nuvens sem agoa, de que falla o Apostolo S. Julas, que os ventos agitam de todas as partes; que significação as arvores que não brotam, senão no Outono, que não produ-

duzem frutos , que estão mortas , e que não tem raizes ; as ondas do mar todas furiosas , que se tornam em espumas , confundindo-se humas com as outras , as estrellas errantes , presagio de alguma tempestade , senão essas pessoas de huma vida brutal , como falla o Apostolo , e que não tem a do espirito , aquellas pessoas , que só tem espiritualidade nas palavras ? Que erro ser virtuoso sem ser interior !

Exaqui , para o dizer assim , o grande mysterio daquelle vida occulta de Jesu Christo : he necessario viver huma vida interior , se queremos gostar de Deos , e sermos capazes de o fazer gostar aos outros , he necessario ser interiores , se queremos ser Discipulos de Jesu Christo.

Mas , que virtudes praticou o Filho de Deos em tão dilatado retiro ! Que humildade mais profunda ! Hum Homem Deos , passar tantos annos na Officina de hum Carpinteiro , occupado nos mais humildes empregos ! Não tinha elle para temer , que huma tão vil condiçã fosse obstaculo ao fim da sua Incarnaçã , e aos successos da sua vida publica ? Porém nunca a virtude fez mal aos designios de Deos : nunca alguem está mais em estado de trabalhar com bom successo na gloria de Deos , do que quando he humilde. Meu Divino Mestre , que pouco gostei atéqui esta maxima , e que mal a tenho seguido ! E assim tambem não me devo eu admirar , se estou hum servo tão inutil , se me tenho adiantado tão pouco no caminho da salvaçã.

A vida occulta de Jesu Christo não podia ser , senão huma vida mortificada. Que não soffreo elle na fugida para o Egypto ? A que pobreza de todas as cousas , a que desamparo não foi elle reduzido ? Que Cruzes , que trabalhos na pobreza extrema , que tinha escolhido ! Oh ! e que claramen-

te esta vida mortificada de Jesu Christo condemna a nossa delicadeza ! O Filho de Deos trabalha para viver , e hum servo deste homem Deos , quererá viver delicadamente na abundancia , e nas delicias , e se atreverá ainda a queixar-se das incomodidades do seu estado ?

Que espectáculo mais admiravel , mas ao mesmo tempo mais instructivo , ver hum Homem Deos até á idade de trinta annos , escondido na obscuridade de huma Officina , confundido com o mais infimo povo , sujeito como hum filho ás ordens , e a todas as vontades de Jozé , e Maria , e reduzido a huma extrema pobreza !

Nós nos nutrimos com mil idéas de devoção ; cada hum confôrme o proprio humor , e o proprio gollo. Avezinhemo nos hum pouco a este Divino Modelo : por ventura huma humildade profunda he a baze da nossa piedade ? Temos acazó huma occulta inclinação para o Retiro , e recolhimento interior , huma continua desconfiança dos nossos proprios juizos , e sentimentos , huma submissão inteira ás ordens do Senhor , e ás vontades de todos aquelles , que tem direito de nos mandar , ou de nos dirigir ? Finalmente hum espirito de mortificação , e desapego faz o nosso principal caracter ? Se assim he , estejamos descansados , pois certamente a nossa virtude he Christã , e não está sujeita a erro ; porém temamos muito ; se temos sentimentos oppostos , se temos huma vida toda opposta áquella.

Se o Senhor não fizesse mais , que maravilhas por toda a sua vida , e se nascesse na magnificencia , e no esplendor ; se enchesse todo o Universo de prodigios desde os seus primeiros annos , se elle só tivesse inspirado terror com os resplandecentes raios da Sua Magestade , como lhe seria bem facil ; em fim se escolhesse hum estado de vi-
da

da nobre, e distincto; poderia elle servir de modelo a todos os Christãos? Ah! Senhor, e sois por ventura mais seguido no estado humilde, e occulto, que abraçaltes?

Para que nos cansamos em fazer tantos movimentos? Para que são tantos projectos de perfeição improprios do nosso estado? Estejamos socegados naquelle, em que a Providencia nos há posto. Houve já mais algum estado, em que não poderemos ser mortificados, e ser humildes? Compramos todas as nossas obrigaçoens com pontualidade, vivamos huma vida interior, vigiemos na guarda do coração, busquemos a Deos com simplicidade, e rectidão. Que progresso, Senhor, não faz no caminho da perfeição huma alma, que vive esta vida interior, e que tem as suas delicias em esconder-se aos olhos do mundo, para se applicar só a agradar a Deos!

Com effeito, só aquellas almas humildes, e fervorosas crescem em virtude, á medida q̄ crescem em idade; os seus progressos são sensiveis, e as graças, que ellas recebem, á que são tão fieis, são sempre seguidas de novos favores: ao mesmo tempo que aquelles, que só tem hum exterior, e a superficie de virtude, andão como de rastos toda a sua vida; as graças, que elles recebem não tem outro effeito pela maior parte, senão de augmentar as suas dividas, e engrossar a formidavel conta, que tem de dar a Deos.

Ah Senhor! não permittais de modo algum, que estas reflexoens sejaõ algum dia a causa da minha condemnação. Quantos dias, quantos annos não tenho perdido atéqui? Que fructo tenho tirado de tantos soccorros? Ah! eu tenho saudades com razão da innocencia, do fervor, e ainda da piedade dos meus primeiros annos. Custa-me fazer esta confissão, que me enche de horror,

ror, mas ella não será inútil. Vossas maximas, meu Divino Mestre, condemnão o meu apego á minha propria vontade, e ás minhas inclinaçoens; e a vossa vida occulta condemna a furiosa inclinação, que tenho de apparecer aos homens, e de fazer só acçoens de esplendor.

Eu me aparto do meu erro, e começo a sentir com esta confissão o fructo da vossa Graça: daqui por diante a vida interior terá para mim poderosos attractivos; eu acharei a minha páz, e todo o meu prazer em obedecer; a mortificação dos meus sentidos, e das minhas paixoens será o meu exercicio; estudarei crescer em virtude á medida, que crescer em idade. Oh meu Divino Jesu, todo este meu projecto he fundado nos soccorros da vossa Graça. Vós vedes, que elle he sincero; multiplicaí, eu vos peço, os vossos auxilios para o fazer efficaz; e fazei, que conhecendo tanto, como conheço, as consequencias, e a indispensavel necessidade de huma vida interior, comee a gostar as doçuras de huma vida solidamente virtuosa, não vivendo jámais conforme aos meus sentidos.

O tumulto, e o esplendor nutrem todas as paixoens; a vida interior as destroe. Feliz o que sabe achar este thesouro escondido, que tão pouco se busca. Com tudo, meu Divino Mestre, vós nos tendes dado tão bellas liçoens, vós nos destes tão excellentes exemplos, quero aproveitar-me d'elles, quero segui-los; e já neste mesmo dia, vou principiar a viver só para vós, para poder dizer com o Apostolo, vivo, porém já não sou eu o que vivo, Jesu Christo he o que vive em mim: *Vivo ego, jam non ego, Vivit vero in me Christus.*

 TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Dezembro.

Da preparação para a morte.

I. P O N T O.

Da necessidade, que temos de nos preparar para a morte.

Confidera, que a necessidade, que temos de nos preparar bem para a morte, he indispensavel: nenhuma cousa há de tão grande importancia como a morte; não há cousa mais difficultosa do que huma boa morte, principalmente a quem se não prepara para ella, em quanto a vida dura. Há por ventura cousa alguma tão irreparavel, como huma desgraçada morte? Com tudo há alguma cousa, para que menos nos preparemos, do que para ter huma morte santa?

Se morressemos duas vezes, menos imprudentes seriamos de por-nos attisco de morrer huma vez mal, pois ainda poderiamos reparar esta falta, e estariamos ainda em estado de fazer penitencia, assim de huma má vida, como de huma má morte; mas não morremos mais que huma vez só, e a felicidade, ou infelicidade eterna depende desta só morte absolutamente.

Ainda que nos importe muito viver bem, temos razão de dizer, que nos importa ainda muito mais morrer bem, pois que a mais santa vida de nada nos pôde servir, se não he seguida de huma boa morte.

Quanto mais tivermos trabalhado pelo Ceo, quanto

quanto mais santa tiver sido a nossa vida, mais interesse temos em acabar santamente, para não perder os fructos dos nossos trabalhos. Verdade he, que a boa morte he o fructo ordinario de huma santa vida; mas tambem he certo, que huma morte má destroe todos os merecimentos da mais santa vida, e que todos estes não nós podemos assegurar huma boa morte.

Donde procede comtudo, que não cuidemos mais em preparar-nos para a morte, do que se estivessemos seguros de morrer bem, ou como se estivessemos certos de morrer mais de huma vez, ou que morrendo mal não perdemos nada? E quem vir a nossa insensibilidade sobre este ponto, não dirá, que não há cousa mais facil, do que ter huma morte santa?

Porém ignoramos acazo, que há grande perigo de fazer mal, o que nunca se fez, principalmente quando não estamos instruidos dos meios, que he preciso tomar para o fazer bem, e quando não estamos já em estado de tomar estes meios?

Se não fosse necessario para bem morrer, mais que receber os ultimos Sacramentos, beijar o Crucifixo, derramar algumas lagrimas; seria talvez a nossa imprudencia menos intoleravel. Não he sempre difficil achar hum Confessor zeloso, e instruido, que nos assista naquelle ultimo perigo: mas a quantos faltou algum destes soccorros, e morrerão em peccado? Morrer na cinza, e debaixo de cilicios, rodeado de Sacerdotes, e de Santos Religiosos, isto he ter huma morte edificativa; mas não he precisamente ter huma morte santa. Ter huma boa morte, he morrer depois de ter apagado as desordens da propria vida, he morrer em estado de Graça, he morrer cheio de huma Fé viva, de huma Esperança invencivel, de

hum Caridade ardente ; he morrer cheio de horror a tudo , o que o mundo ama , e cheio de hum amor de Deos , que exceda a qualquer outro amor : e tudo isto será muito facil áquelle , que tem amado taõ pouco a Deos , e que passou quasi toda a sua vida sem cuidar na sua salvação ?

De que modo se achará o coração taõ repentinamente mudado ? Como se poderá em hum momento , naõ sómente apagar as paixões , mas ainda reparar todas as desordens , que ellas fizeram ? Como se poderá corrigir em hum momento os habitos viciosos , quebrar as prizoens , que nos prendem ás creaturas , como se poderá restituir o bem alheio , adquirir as virtudes Christãs , das quaes apenas se sabe o nome ; em fim como se poderá socegar em poucas horas huma consciencia afflicta com tantos remorsos , e pôr todas as nossas contas promptas , sem quasi ter cuidado nisso ? E ainda nos atreveremos a dizer , que tudo isto he facil , que tudo isto he possível ?

Se fosse taõ facil alcançar huma boa morte , depois de nos termos preparado taõ pouco para morrer bem , os Santos teriaõ sido loucos , em ter trabalhado tanto , e em terem empregado nesta preparação toda a sua vida : para que era necessario jejuar tanto , orar tanto , e derramar tantas lagrimas ? Para que se privaraõ aquelles grandes Heróes de todo o commercio com o mundo , para ter a vantajem de alcançar huma santa morte , se podiaõ morrer santamente , sem todas estas precauções , e sem algum preparo ?

Hum mancebo , que no meio dos seus mais excellentes dias , deixa tudo , o que mais o lisongea , e se vai retirar para o Claustro ; que pretende com isto , senaõ dispor-se para ter huma morte santa ? Poderemos naõ louvar , e naõ admirar a sua re-

solu-

solução, e o seu valor? Ah! ao mesmo tempo que nossos irmãos, que nossas irmãs, que nossos amigos passam os seus dias em Retiro, e em penitencia, para obterem a graça de morrer bem; nós no meio dos cuidados, e prazeres da terra esperamos huma morte, que elles mesmos não se atrevem a esperar, senão tremendo!

O Filho de Deos, que previa neste ponto a nossa negligencia, a nenhuma cousa nos exhorta tanto, como a esta preparação.

Vigiai, diz elle, porque não sabeis a que hora virá o vosso Senhor: guardai-vos, vigiai, e orai continuamente; porque não sabeis quando o Senhor da caza vira, se de tarde, ou á meia noite, ou ao canto do gallo, ou pela manhã. Estai promptos, e vigiai a toda a hora, porque á hora, que menos cuidares, virá o Filho do homem: em fim, accrescenta este Divino Salvador, o que eu vos digo, digo-o a todos: vigiai.

E para nos fazer ver mais claramente, que a preparação para a morte, he o meio mais seguro de alcançar huma morte feliz; Bemaventurados, diz elle, os Servos, que o Senhor achar vigiando, e todos promptos a correrem á porta, e abri-la, assim que elle bater. Mas que infelicidade para o que não está prompto, e que espera, que o Senhor chegue para ir fazer os seus provimentos, para aquelle, que espera a mesma hora do convité, para ir tomar a vestidura nupcial!

Esta preparação para bem morrer he tão necessária, que parece que Deos, que he o Arbitro da nossa sorte, tem unido á graça da perseverança ao cuidado, que tomamos de preparar-nos para a morte. A Parabola das Virgens não declara, nem significa outra cousa: ellas eraõ todas Virgens, sabiaõ a vinda do Esposo, ellas o esperavaõ,

vaõ, muitas dellas com tudo foraõ reprovadas. As prudentes, que se tinhaõ preparado muito tempo antes para receber o Esposo, tinhaõ prevenido as suas alampadas de azeite, para que naõ se extinguissem, e foraõ recebidas ás bodas: as outras, que naõ tinhaõ tido a mesma providencia, em castigo dos seus crimes, foraõ excluidas da mesma felicidade. Deos se naõ usa de outro modo em meu favor, que devo eu esperar? E se naõ sou louco, posso esperar ser tratado de outra fórte?

Se cuidamos de obrar alguma cousa de lustre, e esplendor, se temos a honra de receber hum Principe em nossa caza, se he necessario dar conta de huma longa administraçãõ, ou fazer em alguma arte huma obra primorosa, bom Deos! que medidas se naõ tomaõ! Que tempo para o preparo! Todos se queixaõ, todos se desculpaõ com o tempo, e os que pedem mais tempo saõ os mais prudentes. E somos nós muito sabios, cuidando taõ pouco em morrer bem? E houve jámais alguma açãõ de maior importancia? Põde-se dizer, que a boa morte he a principal obra de hum homem Christãõ ajudado da Graça; e poderá alguem ter bom successo nella, sem se ter preparado bem dantes?

Cousa pasmosa! Ninguem há, que naõ confesse facilmente, que temos necessidade de nos preparar para morrer bem, e por isto he que se teme tanto o morrer subitamente.

Mas em fim, que effeito produz este temor; e a que preparaçãõ nos há elle incitado até o presente? Posso morrer dentro de poucas horas; taõ pouco seguro he que eu esteja com vida á manhã, como daqui a dez annos. Supponhamos, que he este o ultimo dia da minha vida, estou por

Ventura prompto para morrer? E se a minha morte chega esta tarde, tenho tudo prompto para ter huma preciosa morte? Tremo com este pensamento, e quem me tem assegurado ainda este instante! E na terrivel incerteza, em que estou da hora da minha morte, quem me fez deixar para outra hora huma preparaçaõ taõ importante?

Na verdade não sei aonde está o nosso juizo, quando cuidamos do negocio da nossa salvaçaõ. Obramos nós deste modo, temos a mesma negligencia para os negocios temporaes? Quem jámais empredeu alguma cousa, por pouco consideravel que fosse, que não tomasse de longe suas medidas, para sahir bem com ella?

Se he necessario a qualquer homem fallar em publico, dar provas da sua capacidade, com que cuidado, que longo tempo antes se prepara para fallar bem! Se he necessario alcançar algum premio por algum exercicio do corpo, quanto tempo se emprega para se fazer habil neste exercicio!

Que não fazia hum Athleta, diz S. Paulo, para se dispor aos combates nos jógos publicos? Estudava muito tempo antes os meios, que elle determinava empregar alli; elle se applicava a prever todos os artificios, de que se podiaõ servir para o surprenderem; e com medo de que as suas forças se enfraquecessem usando dos prazeres; com que frugalidade, e com que continencia não vivia por muitos annos? E com tudo, o que elle buscava não era mais, que huma honra vã, e huma vil recompensa. Nós sabemos, que a nossa salvaçaõ, e a nossa felicidade eterna depende do modo, com que morremos; e ainda não procuramos aprender a morrer bem? Temos para sustentar hum terrivel combate na hora da morte; e queremos entrar neste ultimo combate sem ter já
mais

mais manejado as armas? Sem saber, nem ainda quando he necessario toma-las para vencer, sem ter previsto os meios para não sermos vencidos? He o mesmo esperar ter huma boa morte, sem ter aprendido a morrer bem, nem ainda saber o que he preciso aprender.

Os que cuidão mais na morte, os que se preparão toda a sua vida com cuidado para morrer bem, ainda não se atreverão a prometter-se seguramente huma morte santa; e como se atreverão a espera-la aquelles, que não cuidão, nem se preparão para ella.

Senhor, que me dais a graça de me fazeres sentir neste momento, o perigo, em que tenho estado atéqui; não permittais que persevere nelle. Vós vos dignais de me avisar, que me prepare para bem morrer: não farei eu totalmente indisculpavel, se ainda differir o preparar-me? Comprehando a necessidade, que tenho disto: a menor dilacão me porá em perigo de me perder, e assim vou já neste momento preparar-me para morrer bem, por huma vida santa.

II. P O N T O.

Do tempo proprio de nos prepararmos para a morte.

Considera, que facilmente convimos, que he necessario preparar-nos para bem morrer; mas he hum artificio do Demonio persuadir-nos a quasi todos, que deixemos esta preparacão para hum tempo, que já não he tempo de preparo, mas tempo, em que he necessario estar prompto.

A ultima enfermidade, aquelles dias, em que huma pessoa se vê cercada de angustias, e horrores, e as vizinhanças da morte poem tudo em pertur-

turbação ; este he o tempo , que se destina para se preparar a bem morrer : porém houve nunca algum mais improprio para isto ? 7

Ah ! Quando huma pessoa está com inteira faude , e tem toda a liberdade de espirito , quando não está horrorifada , e está tranquilla , quando póde servir-se com todo o vagar de todos os soccorros ; huma confissão geral perturba , mil duvidas fazem desesperar , mil miudezas de consciencia escapão á applicação mais escrupulosa , e depois de tanta exactidão , que pezares , que remorsos tornaõ continuamente ! E na ultima enfermidade , em que estamos privados de todos estes soccorros , quando todos confessamos , que não estamos já capazes de nada , queremos estar em estado de regular , e socegar a propria consciencia ?

Na verdade a enfermidade he huma advertencia capaz de despertar os mais adormecidos , mas isto não he mais , que para lhes fazer ver , e sentir a falta , que fizeraõ , vivendo em hum tão pernicioso somno , e a impossibilidade , em que estão naquelle tempo de reparar esta falta.

Estote parati : O Salvador não diz , quando vires que se chega o tempo , quando me sentires de longe , quando a fraqueza do vosso temperamento , os sintomas da vossa enfermidade , a velhice da vossa idade , vos advertirem , que a minha chegada está proxima , preparai-vos entãõ cuidadosamente para receber-me : mas diz , estai promptos. Porém he bem claro , que para estar prompto , he necessario estar já preparado.

Preparar-se para bem morrer , he fazer penitencia dos proprios peccados , he encher todas as obrigaçoens do proprio estado , he viver huma vida edificativa , e verdadeiramente Christã : e a enfermi-

enfermidade será bom tempo para isto?

Preparar-se para bem morrer, he fazer penitencia, reparar os damnos, que se tem feito ao proximo, restituir o bem alheio, mostrar com os proprios tratamentos, e com serviços verdadeiros, que se ha perdido a lembrança das injurias recebidas: e a ultima enfermidade será tempo accommodado para isto?

Preparar-se para bem morrer, he ter horror das maximas do mundo, praticar com perseverança as virtudes Christãs, viver conforme as maximas de Jesu Christo: e o tempo da enfermidade he muito proprio para isto? Chora, geme, arrepende-se então cada hum de se não ter preparado; que terivel desconfortação para quem não está já em estado de o fazer!

Virgens desgraçadas! Nenhuma cousa ha, que mais mova, nenhuma cousa mais justa, do que as vossas lagrimas; mas o Esposo chegou, estando vós auzentes, era necessario ter tido mais providencia, vós não estais já em tempo.

Que se diria de hum Official, de hum Soldado, que buscasse com muito zelo, ancia, e diligencia hum douto artifice para aprender a fazer as armas, quando o inimigo esta já presente, e quando se não deve cuidar mais, que na peleja?

Que se julgaria de hum Capitão de Navio, que só cuidasse de ver se os seus calabres estão em bom estado, quando se visse combatido da tempestade, e ameaçado do naufragio?

Que se diria de hum Governador de huma Praça, que só cuidasse em reparar as suas brechas, ou em fazer novas fortificaçoens, e prover-se de tudo o necessario, quando se visse accommettido, e quando o inimigo abrisse a trincheira?

A vida sempre acaba com furiosos combates,

tes, o inimigo, que havemos de vencer, he sagaz, e astuto: e o fim desta vida sera bom tempo para aprender a pelear? E que successo pode esperar aquelle, que nunca aprendeo?

A Morte, diz o Sabio, he huma navegacao perigosa, em que se passa do temporal para a Eternidade, por entre tempestades, e rochedos. He hum apertado sitio, diz o Evangelista, aonde a alma se acha em hum momento investida, e rodeada de inimigos. Na verdade cremos, que seja entao tempo accommodado para nos preparar para pelear? Com tudo este he o tempo, que eu destino para me preparar!

He verdade, que nem todos deixaõ para tao longe esta preparacao: muitos so pertendem deixar passar o fogo da mocidade, este agradavel tempo dos prazeres: quando chegarem a humidade mais madura, elles tem o designio de se prepararem para bem morrer, começando entao a viver bem.

Outros mais timoratos, naõ esperaõ mais, que o fim de algum negocio, que os occupa, e lhes naõ deixa lugar de se prepararem para a morte: e todos deixaõ para hum tempo futuro, e incerto huma preparacao, que pede todo o tempo da vida. Quem quereria arriscar toda a sua fazenda, com a esperanza de huma longa vida? Pode-se morrer a cada momento, qualquer pode ser o ultimo da vida, e faria eu muito, se começasse a preparar-me para a morte ja neste dia?

He possivel, Senhor, que cuidemos tao pouco em huma cousa, que nos importa mais que todas faze-la bem? Ignoramos acaso, que a nossa salvacao depende da morte?

O tempo proprio para nos prepararmos para bem morrer he toda a vida: o mesmo Jesu Christo naõ jul-

julgou, que fosse necessario empregar nisto menos tempo.

Nenhuma cousa póde consolar mais o moribundo, e nenhuma cousa lhe póde ser mais util, que os soccorros, que se lhe daõ na hora da morte. Que felicidade ser assistido neste ultimo momento de hum Confessor zeloso, e instruido! Morrer depois de haver recebido os Sacramentos, expirar com o Crucifixo nas maõs, ou pegado na boca: isto na verdade he morrer de hum modo edificativo, estes saõ os maiores signaes de huma boa morte: mas nisto só naõ consiste toda a preparaçaõ do que morre, de nenhuma forte ficamos certos, que foi aquella huma morte santa.

Defenganemo-nos, a melhor preparaçaõ para a morte, he a fantidade de toda a vida, empregamos nella muito pouco tempo, se se emprega menos, do que a vida toda. S. Simeaõ Estelita morre subitamente sobre a sua Columna, S. Francisco Xavier morre sobre hum penedo, em hum Paiz de Idololtras, sem Sacramentos, sem Sacerdotes, sem soccorros alguns espirituaes da parte dos homens; mas por muito subita que seja a morte, ella nunca he imprevista, para quem se preparou para ella toda a vida.

Que sincera he huma reconciliaçaõ, quando ella he seguida de muitas provas de huma verdadeira amizade! Quantos motivos naõ tem huma pessoa de confiar na sua conversaõ, quando póde provar a sua sinceridade, por huma perseverança de muitos annos! Que exacta he huma Confissaõ geral, que inteira, quando se faz em saude perfeita, e com o desígnio de se preparar para bem morrer!

Porém naõ ha cousa mais triste, dizem, que o pensamento da morte: elle perturba os prazeres,

Yes, elle até impediria, que nos applicassemos ao proprio emprego, e aos proprios negocios. Enganamo-nos: o pensamento da morte não perturba, não horrorisa, senão aquelles, que não cuidão na morte: porém este mesmo pensamento he de grande consolação para todos aquelles, que se preparaõ, e cuidão nella com diligencia: não impede, que nos applicuemos aos proprios negocios temporaes, mas impede, que os negocios temporaes fação mal ao da Eternidade.

Não he possível poder jámais cá na terra chegar a huma felicidade perfeita, senão por aquelles mesmos caminhos, que conduzem a huma feliz morte.

Aprender a arte de bem morrer, he não sómente aprender a arte de bem viver, mas he tambem aprender a arte de viver felizmente. Sim, o pensamento da morte só nos faz tristes por causa da justa razão, que temos de temer morrer mal: porém este pensamento não he hum justo motivo de consolação, e de alegria, a quem sabe a arte de viver bem? E na verdade, quando huma pessoa vive de tal sorte, que esteja em estado de morrer a toda a hora, não se entristece em considerar na morte.

Não he sómente huma só idade da vida, que contribue a huma boa morte, são todas as idades, he toda a vida; he logo verdade, que toda a vida he o unico tempo proprio para nos prepararmos para bem morrer.

Meu Deos, que digna de inveja he huma preciosa morte nos vossos olhos! Ah! Morrer naquella doce paz, naquella confiança cheia de consolação, que inspirais aos vossos Servos, e que he o fructo de huma vida innocente! Ah! Morrer com a morte dos Santos; houve nunca algu m objecto
mais

mais digno da nossa ambição? E para huma tão grande felicidade, seguida sempre de huma Eternidade feliz, será muito cuidar na morte, e preparar-nos para ella toda a vida?

Ubi ceciderit arbor, ibi erit. Desgraçada arvore, era preciso abala-la tanto tempo, para vir a cahir tão mal? He possível, que só occupasse a terra por tantos annos, e só estivesse carregada de folhas, para dar ao fogo hum alimento eterno? Ah! Quem teve a culpa de não ter cahido da outra parte? Ella tinha sido tão fortemente combatida com o vento do Espirito Santo, tinha sido vista tantas vezes inclinada de boa parte, desprezamos torna-la a indireitar, julgamos que sempre estariamos a tempo disso, não cuidamos, que cahiria tão cedo, nem tão depressa, correremos a ella para a fazer cahir de boa parte, mas foi muito tarde, era necessario prevenir o mal; *Ubi ceciderit, ibi erit.* E depois desta queda, nenhum remedio ha; he esta huma sentença irrevogavel, aonde cahio, ahi estará, ahi arderá, e como nunca se ha de consumir, arderá eternamente.

Ah! Senhor, em que tenho cuidado atéqui? Quantos dias tenho empregado em me preparar para a morte? Quantos annos? Tremo, meu Divino Jesus, quando cuido, que tenho podido morrer como outros muitos, que esperavaõ como eu huma longa vida. Ah! que feria de mim, se já tivesse acabado a vida, tendo-me preparado tão pouco, e quasi não tendo cuidado na sepultura? Teria tido a felicidade de morrer com a morte dos Justos?

Meu Deos, eu tremo á vista de hum tão grande perigo; mas não tenho eu ainda a mesma razão para temer? Posso morrer esta tarde, tal-

vez

faria. Nem todos estão em estado de poderem jejuar : a solidão, as austeridades, certos exercicios de virtude, não são igualmente proprios para todas as pessoas ; mas não ha nenhuma pessoa de qualquer idade, ou condição que seja, e em qualquer estado, em que se ache, que possa com razão dispensar-se de se preparar para a morte.

Nenhuma cousa nos importa mais, do que morrer bem : nada ha ao mesmo tempo mais difficil, nada mais irreparavel, do que a morte, que foi desgraçada : nenhuma desgraça nesta vida ha sem remedio, só a morte em peccado he irremediavel. Temos nós por ventura alguma cousa, em que devamos trabalhar mais, que em ter huma morte santa ?

Deixar este cuidado para huma idade mais adiantada, he esperar hum tempo muito incerto, he arriscar muito em hum negocio de tanta importancia : deixa-lo para a ultima enfermidade, este tempo he muito breve para hum tão longo exame, e muito máo para huma empreza tão delicada, he necessario tomar este cuidado em melhor tempo : e seria por ventura muito cedo, se começassemos já neste momento ?

Importa nos muito saber a arte de bem morrer ; todas as boas obras, todos os exercicios de Piedade, todo o bem, que podemos fazer, só tendem a ensinar-nos esta importante sciencia. Sejamos muito embora instruidos em todas as outras cousas, se ignorarmos o modo de nos preparar para ter huma morte santa, he o mesmo que se não foubessemos nada.

O modo mais geral, e ao mesmo tempo, mais necessario de nos preparar para bem morrer, he viver huma vida justa : he necessario começar a preparar-nos para bem morrer, logo que podemos

mos

mos começar a viver bem, e a vida de hum Christão propriamente deve ser huma continua preparação para a morte.

Tememos morrer subitamente: mas que effeito produz este temor, se nos pomos em huma especie de necessidade de ter huma morte imprevisita? E qual pôde ser a morte daquelles, que só cuidaõ em preparar-se para morrer bem, quando deviaõ já estar promptos?

Por mais santamente, que tenhamos vivido; sempre temos razaõ de temer morrer mal: e que esperança há de hum homem, que tem vivido mal, q̄ morra bem, e q̄ repare em dous dias as faltas, e desordens de huma longa vida, ao mesmo tempo que os maiores Santos, que tinhaõ vivido huma vida taõ perfeita, naõ se julgáraõ estar isentos de perigo na hora da morte?

Espera-se que sempre haverá tempo, isto he, espera-se hum tempo, que talvez nunca haverá, como ordinariamente succede á maior parte dos homens, hum tempo, que já naõ será tempo acõmodado.

Confiamos na Graça, e no tempo: mas quem nos pôde prometter esta Graça da perseverança final, principalmente depois de termos desprezado todas, as que o Senhor nos dava, para dispor-nos para esta ultima? E naõ nos assegurou o Filho de Deos, que os que esperaõ o ultimo tempo da vida para se converterem, morrerãõ no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini?* Por ventura imaginamos nós frustrar este Oraculo?

Quando a morte, que julgavas taõ apartada, diz o Espírito Santo pela boca do Sabio, quando as tribulaçoens, e angustias, de que naõ ti-nhas algum temor, vierem cahir sobre ti; eu

zombarei, e desprefarei os teos clamores, e as tuas lagrimas; e neste ultimo momento eu me rirei do peccador, e ainda até insultarei a sua desgraça: *In interitu vestro ridebo, & subsannabo vos.* Elle desprezou as minhas urgentes sollicitaçoes, zombou das minhas ameaças, eu não terei pois tambem algum respeito ás suas Oraçoes, e aos seus clamores: *Despexistis omne consilium meum, & inreparationes meas neglexistis: clamabit ad me, & ego non exaudiam vos.*

Na verdade raras vezes succede, que huma santa vida acabe por huma morte desgraçada: mas ainda he mais raro, que a huma vida má se siga huma boa morte.

Hum modo mais particular de preparar nos para a morte, e mais proprio para este dia de Retiro, he fazer todos os exercicios deste dia com o pensamento, de que he o ultimo da nossa vida, não desprezando nada para nos pôr naquellas disposições, em que queriamos estar na hora da morte.

He necessario para isto considerar attentamente no fim de cada Meditação, nos sentimentos, que teriamos sobre as verdades, que acabamos de meditar, se estivessemos para ir dar conta a Deos de toda a nossa vida, e devemos principalmente considerar, o que nos daria pena se estivessemos para morrer.

Tres cousas nos causão ordinariamente afflicção na hora da morte. 1. As obrigações do proprio estado, que desprezamos. 2. O frequente uzo dos Sacramentos, e de outras graças espirituaes, de que não nos havemos aproveitado. 3. Os meios, que tivemos de chegar á Perfeição de nosso estado, e dos quaes nos não aproveitamos. Devemos neste dia considerar com attenção, se a
nossa

voſſa consciencia nos não reprehende em nada sobre estes tres pontos; de que modo temos cumprido atéqui as obrigaçoens do noſſo estado; e com que pontualidade as enchemos agora. Se aquelle Senhor exacto, e severo nos dicesse ao presente, dai-me conta da voſſa administração, estaria tudo prompto? Estariamos nós em estado de dar huma boa conta?

Se estamos em o ſeculo, vivemos por ventura nelle, como Chriſtaõs, quero dizer, conforme as maximas de Jeſu Chriſto?

Se temos a felicidade de ſermos Religioſos, com que exactidão guardamos nós os noſſos Votos, e as noſſas Regras?

Se estamos elevados á alta dignidade do Sacerdocio, ſuſtentamos por ventura a ſua ſantidade com os noſſos coſtumes? Temos ſido atéqui o que deviamos ſer? Estamos contentes da vida, que vivemos? Alegrar-nos-hemos na hora da morte, de não ter mais virtude, do que temos agora?

Huma das maiores aflicçoens, que teremos na hora da morte, he ver o máo uzo que temos feito do tempo. Esta confideração nos causa peſares tanto mais amargos, quanto mais nos lembramos, que a vida não nos tinha ſido dada, ſenão para ganhar o Ceo, e que em quanto ella durou, podiamos facilmente fazer hum grande montão de merecimentos, e que paſſou para não tornar jámais. Então penetraremos o ſentido daquellas terriveis palavras, que o Pai de Familias diſſe ao Feitor infiel: *Jam non poteris amplius villicare*. Não podeis já ganhar nada para a outra vida, atéqui eſtiveſtes ocioſo, não quizeſtes trabalhar, já não tendes tempo de o fazer. Oh Deos, que pena! Que dôr! Que horrivel deſeſperação, por ſe ver então obrigado a apparecer

diante de Deos com as maõs vazias, carregade de dividas, sem ter nada para as satisfazer!

Em o mesmo momento, que apparecer diante deste tremendo Juiz, apparecerãõ comigo Santos Sacerdotes, Santos Religiosos, homens, e mulheres, que viverãõ em o mundo huma vida verdadeiramente Christã, huma vida humilde, regular, mortificada, huma vida inteiramente contraria á minha; e entãõ não se lhes dirá, vós fizestes muito: antes lhes dirãõ, que elles não fizeram demaziado: e que será feito de mim naquella hora? Que me dirãõ? Evitemos agora estas terribes reprehensõens por huma conversãõ perfeita, e convertamo-nos já desde este momento.

Por ventura não acharemos nada, em que nos reprehenda a nossa consciencia em hum tão grande numero de Confissoens, quasi todas sem emenda, e em tantas Communhoens infructuosas? Jesu Christo nós sustenta com o seu Corpo, e Sangue precioso; he necessario que estejamos bem enfermos, quando nos não aproveitemos de hum alimento tão saudavel. Mas que poderemos nós responder, quando Jesu Christo nos pedir conta do seu Sangue?

O Sacrificio da Missa he a mais augusta, e mais santa açãõ, que há no Christianismo: e por ventura temo-la respeitado sempre como tal? E se houvessemos de morrer agora, estariamos muito consolados (se somos Sacerdotes) com a lembrança das disposiçoens, com que havemos celebrado os nossos sagrados Mysterios? Poderiamos gloriar-nos diante de Deos, por ter offerecido tantas vezes aquella adoravel victima em os nossos Altares?

As graças são o preço dos merecimentos do Sangue do Redemptor, todo o Universo não vale

a menor destas graças : quantas temos recebido, depois que estamos no mundo ? Quantas inspiraçoens santas ? Quantos bons desejos ? De todas estas liberalidades do Senhor, certamente havemos de dar huma exacta conta. Estariamos por ventura promptos para dar esta conta, se houvessemos de morrer agora ? Pois com effeito tudo devemos ter prompto quando morrermos.

Temos recebido talentos : não basta não os perder, he necessario lucrar com elles. Se o Pai de Familias nos pedisse conta dos que temos recebido, poderiamos dar-lhe o lucro delles ? Se temos hum emprego, huma familia, ou outro qualquer cuidado, devemos dar conta de tudo isto : e ainda não acharemos que dizer aos costumes licenciosos dos nossos criados, á dissolução dos filhos, e ás funestas consequencias da nossa pouca exactidão, ou industria ? Estamos promptos para responder sobre todos estes artigos ? Exaqui no que nos devemos examinar neste dia, no fim deste exercicio, e principalmente na Meditação da morte. A Confissão deve-se fazer neste dia, como se houvesse de ser a ultima da nossa vida, e com o designio de reparar todas as que se tem feito mal.

He tambem conveniente fazer algumas reflexoens sobre o estado presente dos proprios negocios, e ordena-los de sorte, que não nos possaõ affligir na hora da morte.

Não basta empregar nesta importante preparaçãõ hum dia todos os mezes : devemos empregar hum dia inteiro no principio de cada hum anno, applicar-nos a adquirir as disposiçoens, e ficar no estado, em que quizeramos estar na hora da morte.

Na vespera do dia destinado para este exercicio

de piedade, buscaremos ordenar tambem os proprios negocios, que não sejamos obrigados a interromper o nosso Retiro, que pede huma perfeita tranquillidade do coração, e da alma.

Póde-se começar desde a tarde do dia antecedente, por huma vizita ao Santissimo Sacramento, pedindo com fervor a Jesu Christo pelos merecimentos da sua morte, a graça de nos dispôr perfeitamente para bem morrer. Devemos depois invocar particularmente a Santissima Virgem, cuja protecção nos he de grande soccorro para esta ultima hora, a S. Miguel, o nosso Anjo da guarda, S. Jozé, e o Santo do nosso nome. Podem-se rezar as Vesperas do Officio de Defuntos; depois do que, se fará huma meditação de meia hora, sobre os pezares, que teremos no fim da vida, e poderemos ter depois algumas lições sobre o bom uzo do tempo, e sobre os meios, que temos tido de tratar da nossa Salvação, e dos quaes nos temos aproveitado tão pouco.

Devemos passar o resto deste dia em hum grande recolhimento, longe dos embarços, e do tumulto do mundo, e unicamente applicados a pôr em ordem o negocio da nossa Salvação. Ler-se-há na vespera de tarde a Parabola do servo infiel, que se refere no cap. 16. do Evangelho de S. Lucas, aonde se diz: que hum homem rico tendo chamado o Administrador da sua caza, do qual não estava contente, lhe disse, dai-me conta da vossa administração: *Redde rationem villicationis tue.* Applicaremos a nós mesmos esta Parabola, e consideraremos o Soberano Senhor, que nos diz já o que nos ha de dizer no fim da vida: *Redde rationem villicationis tue.* Dá-me conta de todas as graças, que tens recebido, de todas as acções, que tens feito, de todo o tempo, que hás tido: nestas reflexoens se passará esta tarde. Co-

Começaremos o dia seguinte, dando graças a Deos por nos dar ainda tempo, e o pensamento de nos preparar para a morte, pedindo-lhe que nos ajude com as suas graças em todos os exercicios deste dia, pondo-nos em huma resolução firme de não desprezar nada, para pôr a nossa consciencia em tão bom estado, que não tenha nada para nos reprehender, e que não nos fique duvida alguma, nem escrúpulo sobre o passado: tendo este dia como o ultimo da vida, e formando o designio de o passar como quizeramos ter passado o ultimo da nossa vida.

Prostrados pois aos pés de hum Crucifixo, faremos hum inteiro sacrificio a Deos dos bens, da saúde, e da vida: aceitando desde já com todo o coração a morte, quando for do agrado do Senhor que ella venha, aceitando-a em satisfação dos nossos peccados, e unindo-a á Morte de Jesu Christo. Far-se-há depois huma hora de meditação, sobre o que se passa na hora da morte, buscando persuadir-nos que não estamos muito longe daquella ultima hora, e entrando nos mesmos sentimentos, que então havemos de ter.

Consideraremos attentamente o rigor, com que a morte nos despoja de todas as cousas, o estado, a que reduz o nosso corpo na sepultura, e o esquecimento profundo, em que ficamos depois da nossa morte. Parentes, amigos, domesticos, filhos, todos se esquecem, e não se lembram jámais de nós, como se nunca tivessemos existido no mundo. Mas que se faz da alma? Que horrores são os seus naquella hora, que inquietações, que remorsos, que pezares?

Representar-nos-hemos a vaidade de tudo, o que nos pôde apegar ao mundo: que loucura confiar muito nas creaturas? Bens, honras, prazeres,

tu-

tudo desaparece, tudo se aniquilla com a morte.

Faremos reflexão de quanto nos importa o morrer bem, e que perigoso he ter huma morte desgraçada, se nos não preparamos para ella, e que inutil he deixar esta preparação para a ultima enfermidade. Acharemos neste livro meditações sobre esta materia.

O fructo desta Meditação deve ser huma resolução sincera de fazer já, e sem demora, o que talvez não poderemos fazer na morte, e que necessariamente deveriamos fazer neste tempo decisivo, e infallivelmente o quizeramos ter feito.

A obscuridade do lugar, e a presença, e vista de certos objectos mais penetrantes, podem servir muito para nos recolher: he bom ter hum Crucifixo na mão, ou ao menos diante dos olhos, considerando, que este será o unico objecto capaz de nos consolar, quando estivermos agonizando, e que só elle nos pôde encher de segurança entre os horrores da morte.

Quando nos derem a nova da nossa morte, certamente a primeira cousa, que se apresentará á nossa imaginação, há de ser a imagem da nossa vida: veremos de huma só vista todas as suas sombras, e todas as suas delineações.

Em quanto vivemos, lisongeamo-nos, dissimulamos, e não olhamos para as cousas, senão de longe, e superficialmente; mas naquella hora, esta imagem, todos estes objectos se chegam perto de nós, vemos todas as nossas desordens, todos os defeitos, e ouvimos o Senhor, que nos pergunta: de quem he esta imagem? Agora divertimo-nos, atorlamo nos, e vemos as cousas em huma falsa luz; na hora da morte todos estes nevoeiros se dissipam, hum peccado, que não parecia nada quando o commetemos, parece então enor-

enorme, estando nós illustrados com huma nova luz.

Huma obrigação que tínhamos desprezado, como de pouca importancia, será naquelle instante julgada, como huma obrigação essencial, e indispensavel. Mil duvidas, que tínhamos como adormecidas, se despertaõ, mil faltas, mil preoccupações, que não serviaõ mais que de nos atordir, se desvanecem, e deixaõ a alma entregue aos temores, e a os remorfos.

Que juizo faremos entaõ daquellas primeiras Confissoens, que fizemos ao sahir da Infancia, e de outras muitas feitas por capricho, sem dôr, e sem fructo. As turbaçoens de huma consciencia desafocogada, a imagem de huma vida taõ pecaminosa, causaõ estranhos horrores, e lançaõ muitas pessoas em huma especie de desesperação, porque sentem a horrivel perda, que fizeraõ: quizeramos entaõ reparar tantas desordens, mas que meio há para isto? Ja não estamos em estado disto, nem há já tempo.

Éra necessario haver feito tudo, quando estavamos com saude, quando tínhamos toda a liberdade de espirito, e finalmente quando havia tempo de o fazer; e agora he para nós huma muito doce consolação, cuidar que ainda estamos em tempo disto.

Devemo-nos confessar neste dia, como se fosse para morrer; de sorte que não deixemos nada, que não diffimulemos nada, que possa algum dia causar-nos afflicção. He necessario que o Confessor veja na nossa alma tudo, o que nós vemos nella, tudo, o que Deos vê nella, tudo, o que algum dia elle mesmo fará ver a todo o mundo, se agora não prevenimos esta horrorosa manifestação da nossa consciencia, por huma Confissão verdadeira; humilde, e inteira.

Os

Os artigos, sobre que nos devemos examinar com mais cuidado, são a restituição dos bens alheios, a reparação da fama do nosso próximo, offendida com tantas murmurações, o máo exemplo, que temos dado, a tibieza, em que temos vivido, as inimizades, e aversoens occultas, a falta de dôr, e de resolução efficaz, ou de sinceridade nas Confissoens passadas, tantas Communhoens infructuosas, os peccados da mocidade, que talvez nunca foraõ bem accuzados, e outros certos peccados, aonde o interesse, e ambição se satisfazem: os máos habitos, que temos conservado, os apegos, que nunca quizemos romper, as occasioens proximas do peccado, que não evitámos, a paixão dominante, fecunda fonte das nossas defordens, o excessivo amor dos prazeres, a ignorância de certas obrigações do nosso estado, certas zombarias, ou picantes, ou escandalosas, o máo uzo, que se tem feito do tempo, e das graças. Se somos Religiosos, devemos examinar a pontualidade, com que observamos os Votos, o fervor, com que guardamos as regras, finalmente a fidelidade, com que cumprimos tudo, a que nos obriga particularmente o nosso estado.

Exaqui o que ordinariamente nos inquieta mais na hora da morte, e faz mais incerta a nossa eterna felicidade. Hum grande signal da sinceridade dos mais fervorosos propósitos, e da dôr sensível, he quando antes da Confissão se restitue o alheio, se repara a honra, que temos roubado, e nos apartamos das occasioens proximas, e nos reconciliamos com os nossos inimigos.

O primeiro passo, que deve dar hum homem sabio em o negocio da sua alma, he pôr a sua consciencia em hum tal estado, que não lhe possa reprehender nada. Se tendes ainda pezares, re-
mor-

morfos, duvidas bem fundadas sobre a vida passada; confessai-vos geralmente com todo o cuidado, com toda a exactidão, e com toda a severidade possível. Escolhei hum Confessor zeloso, de virtude, e instruido, que sabendo distinguir a lepra de outro menor mal, e lançar o oleo, e o vinho nas chagas, muito longe de entreter o vosso mal, lisongeando-o, o cure, ainda que seja necessario uzar dos remedios mais violentos. Não he necessario fazer muitas vezes estas sortes de confissoens, mas toda via, he bem a proposito fazer ao menos huma vez na vida huma Confissão geral, que repare os defeitos das precedentes, e apague muitos peccados, que não tinhão sido perdoados. Huma idade madura, e já illustrada, he a mais propria para este remedio, mas não há tempo na vida menos proprio para hum acto desta importancia, como o da ultima enfermidade, não há imprudencia maior, do que deixar este negocio para este ultimo ponto.

Se a consciencia ficou bem regulada, e concertada huma vez, contentai-vos cada anno em o dia destinado para preparar para a morte com fazer huma Confissão annual: e este he o meio de não nos ser necessaria na hora da morte mais, que huma Confissão ordinaria.

Deve-se commungar neste dia, como se fosse por Viatico. De nenhuma sorte se está em estado de fazer grandes actos, quando se recebe este Sacramento na hora da morte: o abatimento, o horror, a turbação, que causa o estado, em que então nos vemos, nem sempre deixão ao enfermo toda a liberdade de fazer com fervor esta acção: neste dia pois devemos suprir a isto, e commungar com as mesmas disposições, em que quereíamos estar, se recebessemos o Viatico; esta

esta Communhaõ deve ser, como ensaio para aquella ultima.

Immaginemos que o Sacerdote dando-nos a Communhaõ nos diz : *Accipe frater, Viaticum Corporis Domini nostri Jesu Christi.* Recebei, meu Irmaõ, o Corpo, e o Sangue precioso de nosso Senhor Jesu Christo, para vos servir de Viatico na viagem, que estais para fazer desta vida para a outra, do tempo para a Eternidade. Os actos, que depois se haõ de fazer, devem ser proprios do estado, em que nos representamos estar; serã difficil faze-los bem naquella ultima hora, se naõ nos exercitamos dantes nelles.

Poder-se-há ler pelo dia a terceira Meditaçaõ do Mez de Outubro, e de Novembro, da Extrema-Unçaõ, e da Recomendaçaõ da alma; buscando fazer-nos familiares, digamo-lo assim, socorros taõ poderosos, e taõ necessarios, os quaes saõ desconhecidos a muitas pessoas.

Terminados os negocios da consciencia, he necessario cuidar nos temporaes, considerar se está tudo em boa ordem, e cuidar na disposiçaõ de todos os bens, como se estivessemos para morrer. He para pasmar, que pessoas, que saõ tidas por prudentes, se achem no fim da vida sem terem dado providencia aos seus negocios; e achã-se na ultima enfermidade fóra de estado de compôr, e regular todas as cousas, mettendo a sua familia em mil embaraços, e turbaçoens, que daõ motivo para inimizades, e diversos partidos.

Que maior imprudencia, do que deixar a disposiçaõ, que se quer fazer da todos os bens para hum tempo, cujos momentos saõ todos taõ preciosos, e que se naõ devem empregar em outra cousa, mais que em segurar os bens eternos! Já naõ há entaõ, senaõ algumas horas de vida;

e haõ-se de empregar éstas em fazer a disposiçaõ dos proprios bens ?

Fazei vosso testamento , diz Santo Agostinho , em quanto estais com saude , em quanto estais em vosso juizo , e sois senhor do tempo , e de vós mesmo , e finalmente em quanto sois voffo : *Fac testamentum tuum , dum sanus es , dum sapiens es , & dum tuus es.* Na ultima enfermidade , continúa este Padre , estareis exposto ás li-fonjas , ás importunaçoens , e aos assálto de tantas pessoas , que naõ podereis fazer o que quize-res , mas o que ellas quizerem , que vós façais , e ainda naõ sabereis quasi o que fazeis : *In infirmitate blanditiis , & minis duceris , quò tu non vis.* Além disto , o tempo da ultima enfermida-de he muito precioso , e muito breve , para que ainda consumamos parte delle nos negocios tem-poraes. Attendei com tudo , que deixando os vos-sos bens aos outros , naõ vos esqueçais de vós mesmo , isto he o que farieis , se os pobres naõ tivessem parte na disposiçaõ , que fazeis de todos os vossos bens. Assisti á Missa com sentimentos de respeito , de amor , de confiança , que inspira huma Fé viva , e considerai naquellas , que dirãõ por vós no dia da vossa morte. Rezai com o mes-mo espirito o Officio de Defuntos , e as outras Oraçoens , que a Igreja faz por elles , e que tam-bem fará por vós , e naõ percais de nenhuma fórte por todo este dia de vista a sepultura.

Naõ basta para nos preparar para a morte , fazer ao presente , o que entãõ talvez naõ pode-mos obrar , he necessario tambem fazer em quan-to dura a vida , o que necessariamente se deve fa-zer na hora da morte.

Que desapego , que despojo , e pobreza mais universal , do que aquella , a que fomos reduzi-dos neste

nesto ultimo momento? Bens, Cargos, Filhõs, Parentes, Amigos, por muito fortes, que sejaõ as prizoens, que nos apeguem a vós, a morte quebra tudo com violencia, e nos arranca com força de tudo, o que mais amamos. Façamos hoje com merecimento, o que seremos obrigados a fazer entãõ sem algum proveito. Demos a Deos de boa vontade, o que a morte nos hade tirar por força; desfatemos docemente as prizoens, que nos prendem ás creaturas, para evitar a excessiva dôr, que sentiriamos na hora da morte, quando Deos rompesse estes nós de repente, sem attender á nossa sensibilidade, e afflicção. Meu Deos, que excellente disposiçãõ para morrer sem pena he este desapego voluntario! Eu heide algum dia despojar-me de tudo, já naõ quero apagar-me a nada: exaqui o verdadeiro sentido daquellas palavras do Apollolo *quotidie morior*, morro todos os dias.

Tambem he hum grande meio para morrer bem, fazer agora tudo, o que infallivelmente quizeramos ter feito na hora da morte.

Huma das maiores afflicçoens, que há na hora da morte, he o máo uso, que se fez do tempo, e das graças em quanto a vida durou; a lembrança da irreparavel perda, que se fez, despresando a practica de tantas virtudes, e o uso de tantos meios, he hum horrivel tormento. Eu podia fazer tantas obras boas, sem sahir dos limites do meu estado podia chegar a huma virtude sublime, que soccorros, que meios naõ tive para isto! Que urgentes sollicitaçoens! Quantos bons desejos, quantos bons exemplos! Oh! que terrivel amargura, morrer com estes pezares! Para prevenir, e evitar huma taõ justa dôr, façamos agora o que naquella hora desejaríamos com
ancia,

ancia, mas inutilmente, ter feito. Se ainda não tens escolhido estado, escolhe hum, do qual estas satisfeito na hora da morte, e te dê consolação have-lo preferido a todos os outros; não olhes mais que para a tua salvação eterna, nesta escolha.

Passastes os vossos dias na ociosidade, e nos regalos, o vosso coração foi atéqui mais mundano que Christão, terias huma insupportavel dôr, se morrestes com disposições tão pouco Christãs: começai já neste momento a vida, que vos há de accumular de consolações na morte, não desprezeis practica alguma de virtude, fazei incessantemente todo o bem, que poderes, fazei já desde este dia hum efficaz proposito de vos fazer santo.

Deve-se passar este dia em hum grande Retiro, e privar-nos de outra qualquer conversação, que não seja com Deos, ou com o Director. Podem-se toda via visitar alguns enfermos, ou moribundos, não sómente com o designio de os consolar, e alivia-los com alguma esmola; mas tambem para nos pormos mais sensivelmente diante dos olhos a imagem, do que algum dia seremos.

He tambem a proposito, fazer pela tarde huma consideração, pouco mais ou menos, de huma hora, sobre as particulares obrigações do proprio estado, e principalmente o que nos pôde causar afflicção na hora do morte.

Póde-se ler a terceira Meditação de cada Mez, para servir de lição espiritual, e os tres discursos do Padre de la Colombiere sobre este mesmo assumpto, dos quaes tomámos muitas das reflexões, que acabamos de fazer, e podem ser muito uteis, se se lêm com attenção.

Terminar-se-há este devoto dia com a Meditação da morte dos Justos, que he a terceira da mez de Abril.

O principal fructo de huma practica taõ Chriftã, deve ser hum perfeito desapego de tudo, o que por força nos haõ de tirar no fim da vida; hum horror extremo ao peccado, a reformaçãõ dos costumes, huma ordem de vida, e hum desejo efficaz de adquirir muitos merecimentos, pela practica das Virtudes, e das boas obras.

Naõ basta para preparar-nos a bem morrer, empregar nesta preparaçãõ hum dia todos os annos, fazer algum exercicio de piedade todos os mezes; he este hum negocio de muito grande importancia, e naõ podemos deixar de trabalhar nelle todas as semanas, e ainda todos os dias.

Fazei todas as semanas huma Meditaçãõ sobre a morte, ide algumas vezes orar á Igreja, aonde haveis de ser sepultado, passai algum tempo de joelhos sobre a vossa sepultura, dizei vós mesmo; exaqui a minha caza, e a minha habitaçãõ até o terrivel dia do Senhor, para aqui ferei trazido depois da minha morte, e daqui sahirei para ir apparecer diante do Tribunal da Justiça Divina. Que resta já de meus Avós, e de meus parentes, que já estaõ sepultados? Huma pouca de cinza. Exaqui a minha morada, a caza, aonde eu moro, naõ he, senãõ para poucos dias, eu naõ estou nella, senãõ como hum passageiro.

Accostumamo-nos ao som lugubre dos sinos, e aos funeraes, que todos os dias se apresentãõ aos nossos sentidos; e quem visse o socego, com que vemos hum enterro, diria, que a morte nos há de perdoar. Aproveitemo-nos da sorte dos outros, elles forãõ primeiro, e nós havemos seguido. Que vantajens para nós, estar ainda em estado de fazer o que áquelles causa desesperaçãõ naõ ter feito!

Quando ouvimos o estrondo dos sinos, que nos

avizão da morte de algum de nossos irmãos, lembremo-nos, que os mesmos fins avizarão algum dia aos outros da nossa morte. Aonde está a alma daquelle, q̄ acaba de expirar? Que felicidade para elle se tornasse á terra, e tivesse tantos dias para viver como eu tenho! Eu tenho ao presente esta felicidade; e porque me não hei de aproveitar della? Que não faria pela sua salvação aquelle homem resuscitado? E que causa tenho eu para não fazer o mesmo? Eu tenho a cômodidade, e a vantagem de lhe sobreviver, tenhamos tambem a de aproveitar-nos do tempo.

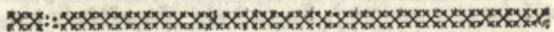
Quando vemos levar hum homem para a sepultura, lembremo-nos, que algum dia daremos ao publico hum semelhante espectaculo: mas não paremos aqui, consideremos o juizo, que fará entãõ aquella alma das riquezas, dos prazeres, e de todas as grandezas desta vida. Ah! aquelle mesmo vio passar semelhantes espectaculos, muitas vezes disse a si mesmo, oh! quanto nos deve desapegar este objecto, dos vãos passatempos da vida! E que pezares entãõ, se elle se não aproveitou das reflexoens, que fez na pessoa dos outros? E terei eu naquella hora pezares menos penetrantes, se não me aproveitou mais das reflexoens, que acabo de fazer á sua vista?

Finalmente, não façais nada, não emprendais nada, em que o pensamento da morte não entre: Cargos, Negociaçoens, novos Estabelecimentos, Demandas, Prazeres, já que tudo isto pôde contribuir para huma infeliz, ou ditosa morte, he tambem a proposito, que eu não emprenda nada, sem cuidar no effeito, que na ultima hora fará na minha alma isto, que emprendo: se eu me hei de arrepender entãõ de o haver feito, para q̄ o hei de fazer agora? Com este pensamento

tãõ

taõ saudavel , he quasi impossivel naõ obrar sempre Christãmente.

Ah ! Deos meu , nós estudamos tanto tempo , trabalhamos de dia , e de noite , para nos instruir em huma arte , que naõ nos serve de nada no fim da vida ; e para aprender a arte de bem morrer , de que depende toda a Eternidade , naõ havemos de fazer nada ?



ORACOENS FACULATORIAS

proprias para nos dispor a bem morrer.

O Tempo da ultima enfermidade , he de todos os tempos da vida o mais precioso , e por conseguinte importa muito aproveitar bem todos os seus momentõs ; e com tudo neste tempo he quando estamos menos capazes de obrar. Quando estamos enfermos , tudo está frouxo , assim o corpo , como o espirito , só se obra entaõ por habito , já naõ estamos em estado de fazer longas rezas , ou Meditaçoens proprias para nos mover. Com tudo seria muito necessario em quanto dura a enfermidade , e principalmente no fim da vida , fazer de tempo em tempo frequentes actos de Fé , de Contriçaõ , de Amor de Deos , de Conformidade , e de Confiança : mas como se farãõ naquella hora estes actos , se naõ tivermos usado delles em vida ? Bem poderemos repetir o que nos dizem , mas o coraçãõ naõ terá parte no que profere a boca , se o que se diz for para nós huma lingoagem desconhecida : he necessario ter feito estes actos muitas vezes , em quanto estamos com saude , se os queremos fazer quando
est-

estamos enfermos. Para facilitar, e familiarizar este uso, julgou-se conveniente pôr aqui algumas aspirações da alma a Deos, tão ordinarias a todos os Santos, e tão proprias a excitar o fervor, e a piedade no nosso espirito. A maior parte são tiradas da Escripura, e dos Santos Padres, e todas servirão muito para nos dispor a bem morrer. Ellas podem servir de hum grande soccorro em quanto dura a enfermidade, se tivermos tido o cuidado de as fazer com frequencia, em quanto estamos com saude. E exaqui alguns exemplos dellas.

Exaqui Senhor está enfermo aquelle, que vós amais: *Ecce quem amas, infirmatur.* Joan. 11.

Eu estou enfermo, Senhor, he justo, que recorra a vós, que sois o meu unico Medico, sou infeliz, devo recorreer á fonte das misericordias, morro, e suspiro por vós, meu doce Jesu, que sois a mesma vida: *Aegrotus sum, & Medicum clamo: miser sum, & misericordiam clamo; mortuus sum, & vitam suspiro.* Aug. solil. 2.

Sim, meu Divino Salvador, vós sois o meu Medico; sois a fonte de todo o bem, sois a misericordia, e a mesma vida; dignai-vos, meu Divino Jesu, de ter piedade deste enfermo, e deste pobre peccador: *Tu es Medicus, tu es Misericordia, tu es Vita, Jesu Nazarene, miserere mei.* Aug.

Senhor, não me reprehendais no vosso odio, não me castigueis na vossa colera; mas lembrai-vos das vossas misericordias, e tende piedade de mim: *Domine ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me, recordare miserationum tuarum.* Psalm. 37.

Oh meu Divino Salvador, eu estou em hum grande abatimento! Estou padecendo muito: mas a consolação, que tenho, he que vós não vos es-

queceis de mim em todos os meus trabalhos. Por ventura poderá huma Mãy esquecer-se de tal sorte de seu proprio Filho, q̄ de nenhuma maneira se entorneça á vista das suas dôres? E quando ella assim o fizesse, não me assegurastes vós, oh meu Deos, que nunca vos esqueceréis de mim? *Nunquid oblivisci potest mulier Infantem suum, ut non misereatur Filio uteri sui? Etsi illa oblita fuerit, ego tamen non obliviscar tui.* Is. 49.

Vós conheceis, Senhor, as dôres, que eu padeço, eu vos peço, que me deis paciencia para as supportar, para que assim caminhe para vós pelo caminho da Cruz, que he o mais seguro: *Tu nosti onus meum quale sit, Domine, da mihi illud patienter ferre, ut per viam Crucis extollar ad te.* Aug. med. cap. 37.

Eu padeço muito, Senhor, mas ainda não padeço bastante a respeito do que vós soffrestes por mim, e do que eu mereço padecer; augmentai os meus trabalhos, meu Salvador, se este he o vosso prazer; mas ao mesmo tempo augmentai a minha paciencia: *Adauge laborem, modo augeas patientiam.* Aug.

Eu vos peço, Senhor, que tenhais misericordia do vosso servo, dignai-vos de conduzir-me vós mesmo, para que assim possa voltar seguramente para a casa do meu Pai, e do meu Creador: *Obsecro, Domine, fac misericordiam tuam cum servo tuo, dirige viam meam, ut cum salute revertar in domum Domini mei.*

Mãy do meu Deos, que permittis, que eu vos chame minha Mãy, não desampareis este filho tão pouco digno de hum titulo tão glorioso, soccorrei-o neste decisivo momento, em que elle combate, para assim o dizer, com toda a Eternidade: *Magna mater, suscipe filium cum tota Aeternitate luciantem.*

Ma-

Maria Mãy de graça, e Mãy de clemencia, ajudai-me contra os esforços de meus inimigos, assisti-me na hora da morte, e sempre; fazei, que dê o ultimo suspiro entre os vossos braços: *Maria Mater gratie, Mater misericordie, tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe.*

Senhor, vós me perdoastes tantas vezes, ainda quando eu vos offendia mais; agora que me arrependo de todos os meus peccados, não me haveis de negar o perdão: *Da misericordiam misero, ac poenitenti, qui tandem pepercisti peccatori.* Bern.

Meu Senhor, e meu Deos, eu estou todo penetrado de dôr por vos haver offendido, e bem sabeis quanto mais me doo de o estar tão pouco: *Doleo, Domine Deus, doleo, quod peccavi, & quia parum doleo, maxime doleo.* Aug.

Confesso, meu Deos, que vos tenho offendido, e vos tenho offendido mais, do que eu poderia imaginar, ou dizer, mas finalmente a vossa misericordia he maior, que as minhas iniquidades: *Peccavi, Domine, super arenam maris, immensa vero misericordia tua propitiaberis peccato meo, multum est enim.* Psal. 24.

Ah! Senhor, quanto me doo, quanto abomino aquelles excellentes dias, de que uzei tão mal, tempo deploravel, que só me era dado para vos amar, e do qual eu me não servi mais que para vos desagradar: *Vix tempori illi, Domine, in quo te non amavi, vix tempori illi, in quo te graviter offendi.* Aug.

Em vossa misericordia, Senhor, tenho posto a minha esperanza, e estou seguro, que não farei enganado, em quanto esperar em vós: *In te Domine speravi, non confundar in aeternum.* Psal. 30.

Ainda que eu deva caminhar nas sombras da morte, eu não temo nada, porque vós sempre
esta-

estareis comigo: *Etsi ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es.* Psal. 21.

Senhor, não me trateis como eu mereço, attendei só para as vossas infinitas misericordias; não vos lembreis das minhas iniquidades passadas, quanto mais miserável sou, mais digno objecto me faço da vossa bondade: *Domine, non secundum peccata nostra, quæ fecimus nos, neque secundum iniquitates nostras retribuas nobis. Neque meminervis iniquitatum nostrarum antiquarum, citò anticipent nos misericordie tue, quia pauperes facti sumus nimis.* Psalm. 78.

Ou vivamos, ou morramos, sempre somos do Senhor: *Sive morimur, sive vivimus, Domini sumus.* Rom. 14.

Deos he o meu Senhor, faça de mim o que lhe agradar: *Dominus est, quod bonum est in oculis suis, faciat.* 1. Reg. 3.

Meu Deos, eu quizera ter mil vidas para vos offerecer, eu vo-las offereceria todas; pedis-me a que me haveis dado, eu bem quizera, que ella fosse mais pura, mais perfeita, menos indigna de vos ser apresentada: mas em fim tal como he, eu vo-la sacrifico de todo o meu coração, e ainda vo-la entregaria de boa vontade, se effivesse em meu poder conserva-la.

Meu Deos, eu aceito com todo o meu coração, o ser despojado de tudo, o que amava na terra, e ainda deste mesmo corpo, que tanto amei. Feliz de mim, se esta universal desnudez, e despojo de todo o creado podesse reparar o demaziado apego, que eu tive ás creaturas, e agora tão gravemente condemno.

Eu aceito de boa vontade esse horroroso estado, a que brevemente o meu corpo será reduzido:

zido: faça-se preza, e sustento dos bichos, e seja desfeito em podridaõ: feliz de mim, se por meio da sua destruiçaõ, pudesse reparar as offensas, que tenho feito á vossa Magestade, preferindo-lhe este mesmo corpo, para quem eu busquei tantas vezes as commodidades, e prazeres.

Eu padeço muito, Senhor, estou prompto para padecer ainda mais, se assim o quereis. As minhas dôres por muito grandes, que me pareçaõ, são muito leves, são muito breves; pois talvez esta será a ultima prova, q̃ vos dou do meu amor, e do desejo, que tenho de vos agradar, soffrendo tanto por amor de vós.

Eu me sujeito muito de boa vontade a todas as penas, que quizeres, que eu soffra, por muito rigorosas, que ellas possaõ ser, eu as tenho merecido: com tanto, que uzeis comigo de misericordia, glorificai o vosso nome castigando-me. He justo, que já que eu vos não quiz honrar, executando em quanto vivi as vossas vontades, as execute ao menos na minha morte.

Creio indubitavelmente, e com todo o meu coraçãõ, tudo, o que revelastes cá no mundo á vossa Igreja; espero firmemente tudo, o que manifestais aos vossos Escolhidos no Ceo.

Reconheço, oh meu Deus, a enormidade dos meus peccados, e confesso, que ainda tenho commettido mais; do que conheço. Estou inconsolavel, e penetrando de amargura por ter servido tão mal a hum tão bom Senhor: mas todas as minhas infidelidades não poderãõ nunca diminuir a confiança, que tenho na vossa misericordia, porque vós sois mais misericordioso, do q̃ eu sou peccador.

Por muito culpado, que eu esteja, espero, que não hei de ser eternamente desgraçado, porque vós sois infinitamente bom. Não há de haver Inferno

ferno para mim , ainda que eu o tenho muito merecido ; porque o meu Salvador me comprou com seu Sangue o Paraizo , espero taõ fortemente na vossa Misericordia , que todos os Demonios juntos naõ poderãõ arrancar de mim esta esperanza : por mais que elles façãõ , eu cantarei eternamente as vossas Misericordias , eu vos verei , eu vos possuirei com o socorro da vossa graça , e vos hei de amar eternamente.

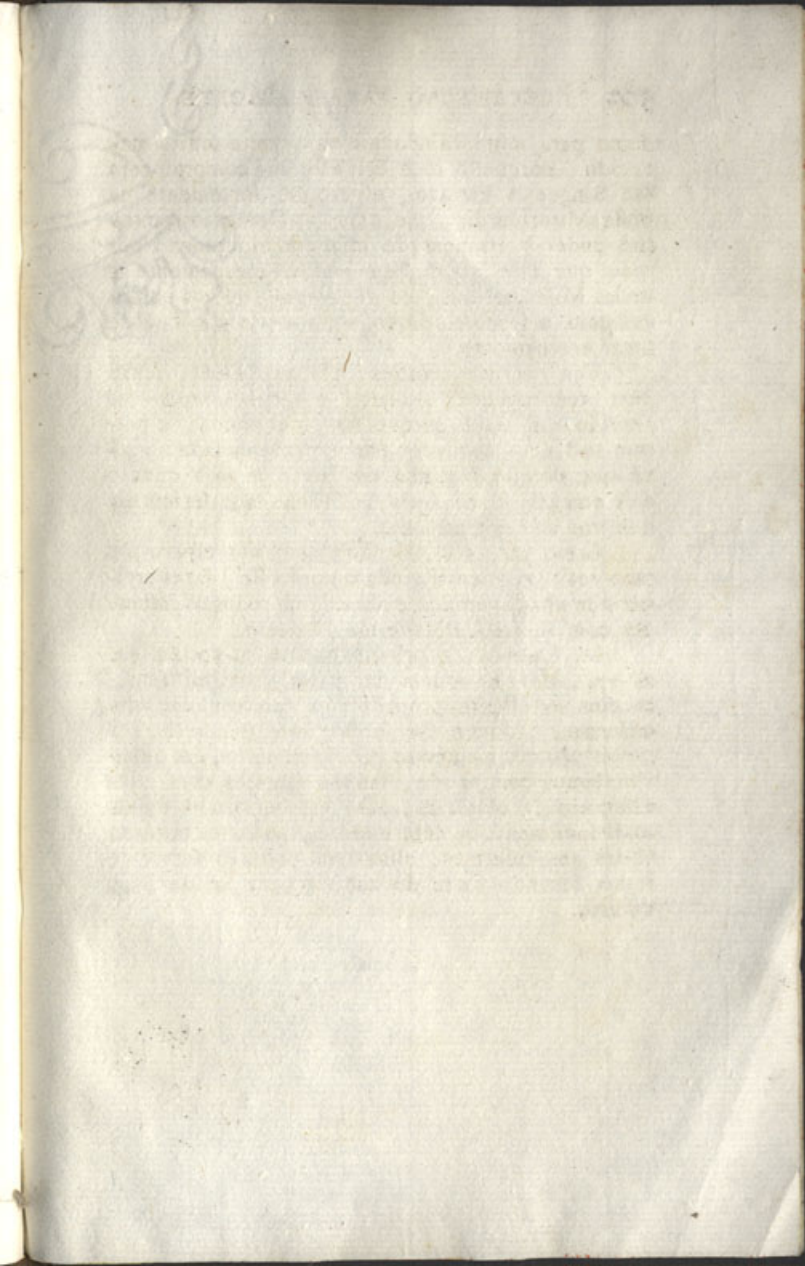
Vós naõ me creastes , oh meu Deos , senãõ para vos conhecer , amar , e servir ; tenho-vos servido taõ mal , porque vos amei pouco , e porque naõ quiz conhecer essa summa bondade : agora que detesto a minha cegueira , e vejo quanto sois amavel , fazei pela vossa infinita misericordia que vos ame eternamente.

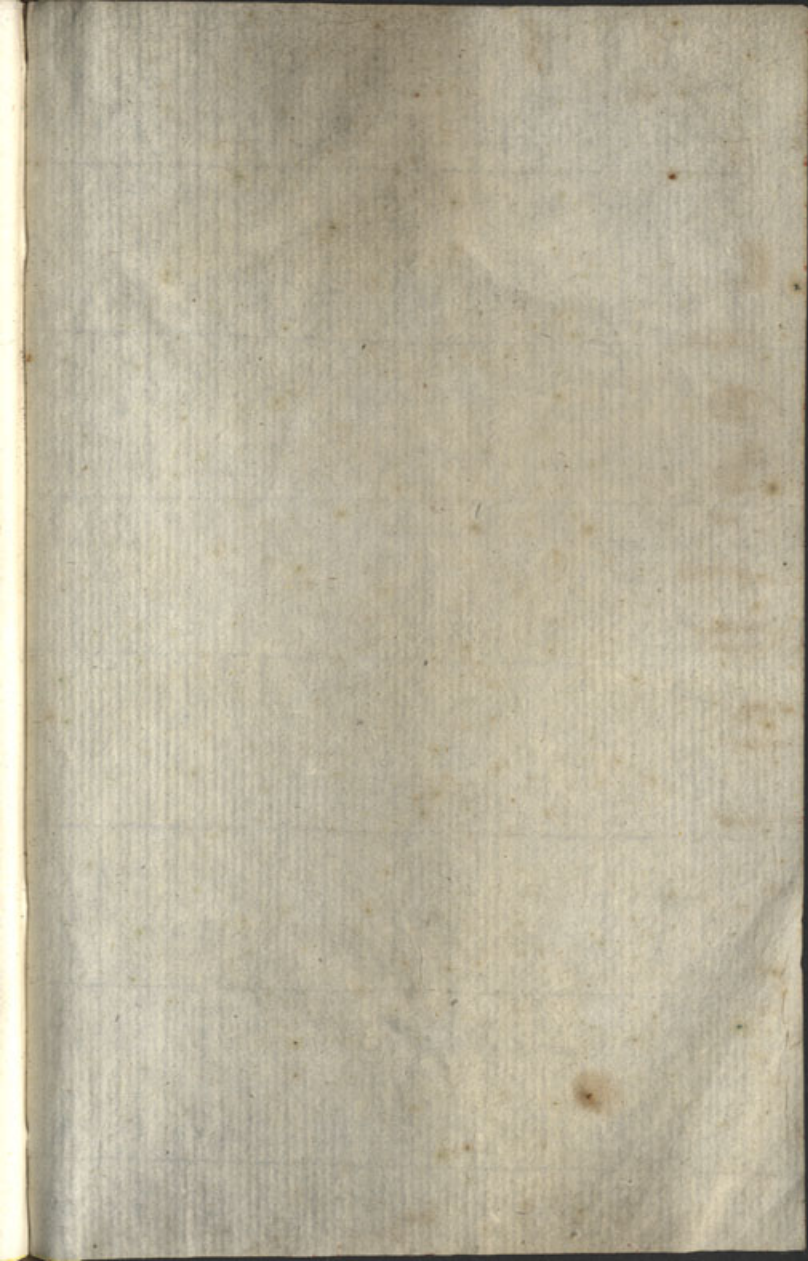
Creio em vós , Senhor , em vós espero , e amo vos : augmentai ainda a minha Fé , fazei crescer a minha Esperança , e abraçai-me todos os instantes com huma Caridade mais ardente.

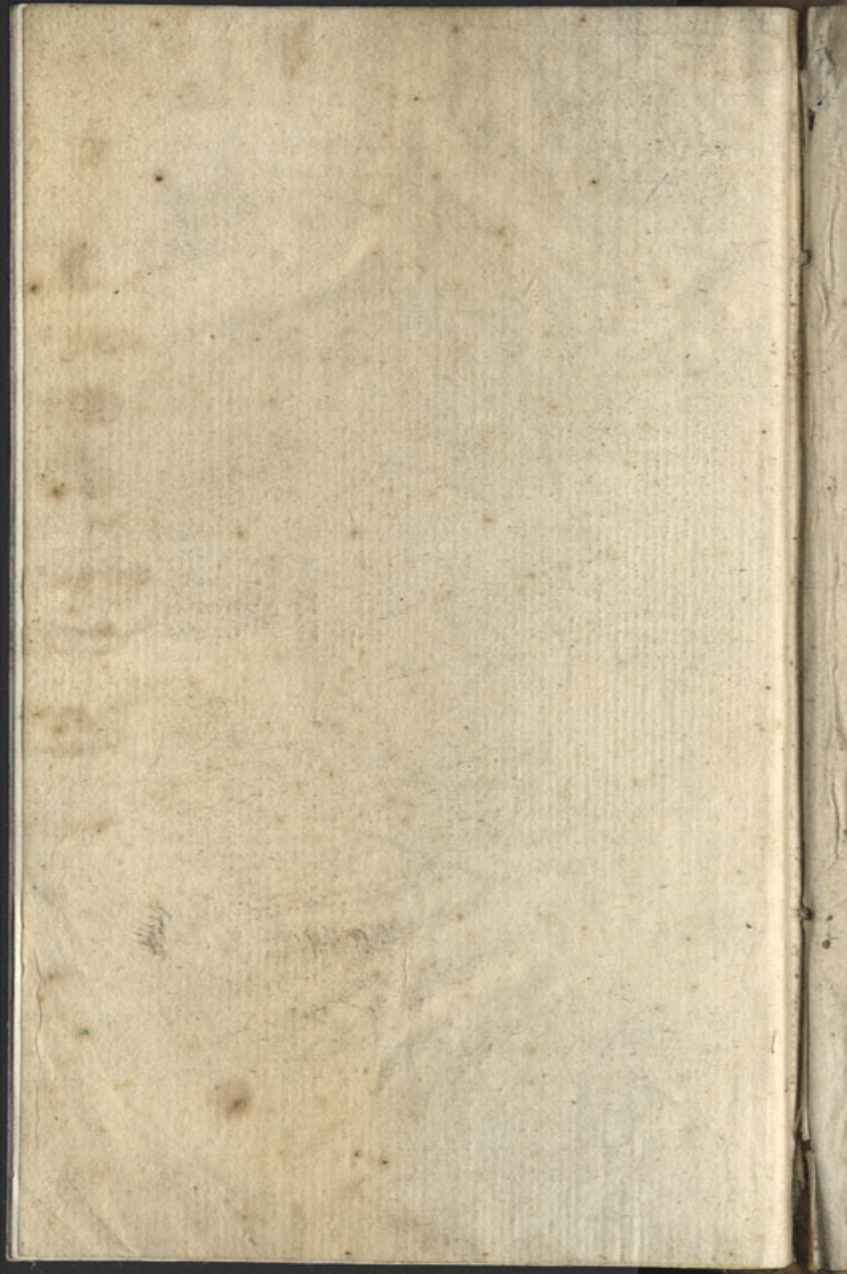
Os Psalmos , e principalmente os 50. 24. 31. 6. 37. , e 117. pôdem dar materia para mil sentimentos excellentes propriissimos para consolar hum enfermo , e pôdem-lhe ser de hum grande socorro nestes ultimos momentos. Convém muito , em quanto estamos com saude , familiarizar-nos com estas Oraçoens Jaculatorias , para nos servirmos dellas mais facilmente na enfermidade ; pôdemos tambem lê-las aos enfermos , ellas lhes poderãõ servir de huma fecunda fonte de consolaçoens , e de bons effeitos.

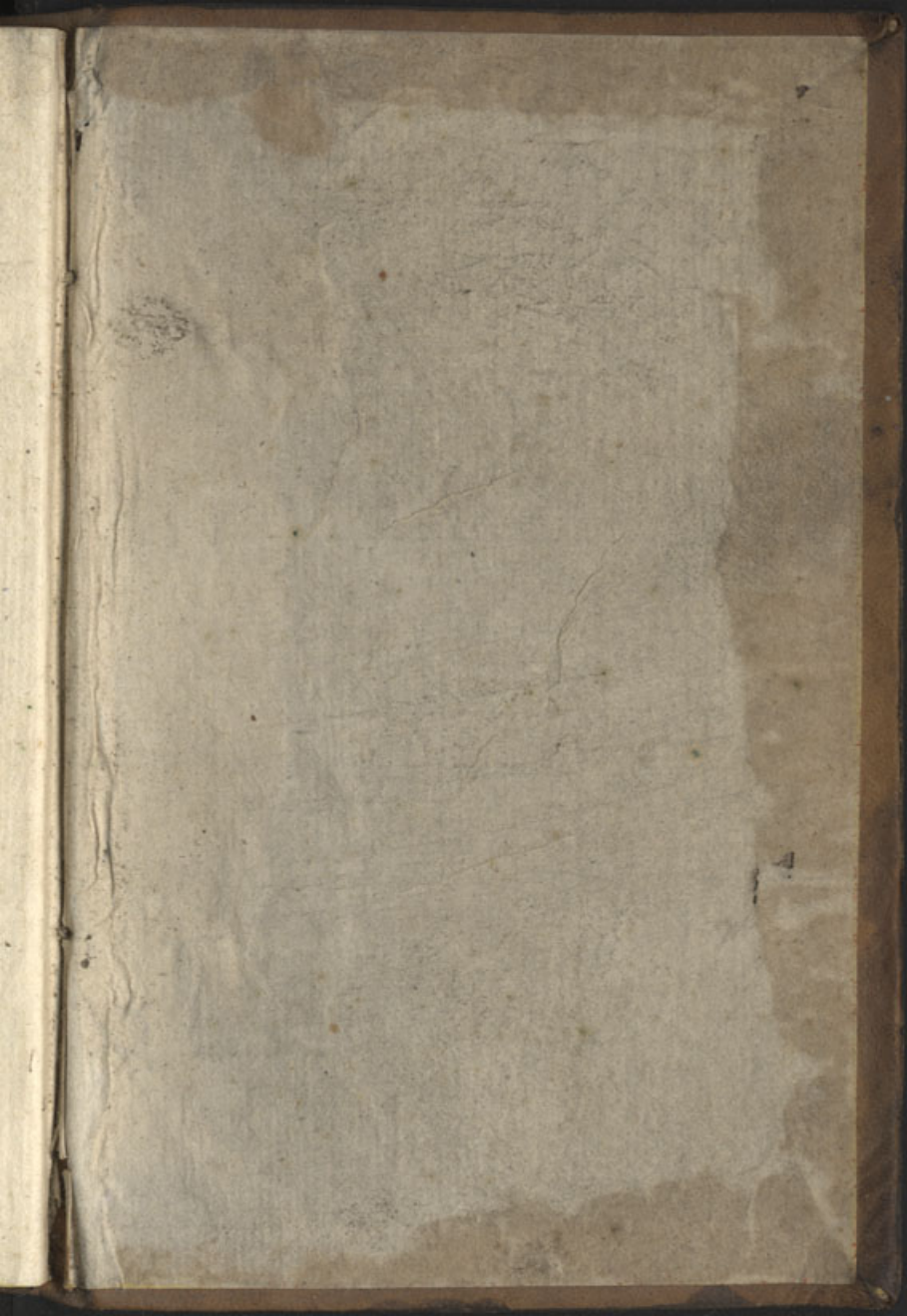
F I M.















REIRO

ESPIRITUAL

